



PODER

Lula espera “convivência civilizada” com Trump

Governo avalia que relação com os EUA é sólida e será mantida de forma pragmática, mesmo com distanciamento entre presidentes

» MAYARA SOUTO
» VICTOR CORREIA

Evaristo Sa/AFP



Lula não telefonou em um primeiro momento para o presidente eleito dos Estados Unidos, como faz com aliados, mas não descarta fazê-lo

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ministros de Estado se manifestaram sobre a eleição de Donald Trump para a Presidência dos Estados Unidos com diferentes graus de preocupação — do tom protocolar adotado pelo chefe do Executivo à crítica aberta ao republicano. Apesar da expectativa de que a relação pragmática seja mantida entre os dois países, a volta do líder norte-americano deixa apreensivos os aliados de Lula, principalmente pela política econômica do republicano e pelo fortalecimento do bolsonarismo no cenário nacional.

“Meus parabéns ao presidente Donald Trump pela vitória eleitoral e retorno à Presidência dos Estados Unidos. A democracia é a voz do povo, e ela deve ser sempre respeitada”, disse Lula. “O mundo precisa de diálogo e trabalho conjunto para termos mais paz, desenvolvimento e prosperidade. Desejo sorte e sucesso ao novo governo.”

Em entrevista aos senadores Jorge Kajuru (PSB-GO) e Leila Barros (PDT-DF) — que estrearam um quadro na Rede TV —, Lula afirmou esperar uma relação de civilidade com o norte-americano. “Eu não conheço pessoalmente o Trump, conheço o Trump de ouvir dizer, ler matéria, ver na televisão, mas eu espero que a convivência seja civilizada, (assim como) que já tive com o Bush, que era do Partido Republicano”, ressaltou. “Espero que ele tenha a preocupação de trabalhar para que o mundo tenha paz”, acrescentou.

Lula não telefonou em um primeiro momento para Trump, como faz com aliados, e como pretendia em caso de vitória da democrata Kamala Harris. A possibilidade, porém, é considerada, mas há temor de que o presidente eleito ironize o chefe de Estado brasileiro e até publique a conversa nas redes sociais.

Lula chamou Trump de mentiroso, durante a campanha eleitoral. Na semana passada, declarou apoio à candidata democrata. “Acho que a Kamala ganhando as eleições é muito mais seguro para a gente fortalecer a democracia. É muito mais seguro”, avaliou, em entrevista ao canal francês TF1. “Nós vimos o que foi o presidente Trump no final de seu mandato fazendo aquele ataque ao Capitólio, uma coisa que era impensável acontecer nos Estados Unidos. Porque os Estados Unidos se apresentavam ao mundo como um modelo de democracia, e esse modelo ruíu. Agora, temos o ódio destilado

» Gleisi: “Sinal de alerta”

A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, afirmou que a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos acende o “sinal de alerta para o campo democrático”. Ela não atacou o republicano, mas avaliou, em uma publicação no X, que a derrota da democrata Kamala Harris mostra que o mundo mantém a polarização. “Temos de nos preparar para enfrentá-la também aqui no Brasil, onde a extrema-direita já se assanha com o resultado”, escreveu. Na avaliação da parlamentar, a esquerda brasileira tem de entregar respostas e soluções para o povo, sem cair no neoliberalismo. Segundo ela, é necessário “dar respostas concretas às necessidades e expectativas do povo, que não cabem na receita neoliberal que o mercado quer impor ao governo e ao país”.

todo santo dia”, acrescentou. Apesar da divergência ideológica com o republicano, Lula não repetiu a postura do ex-presidente Jair Bolsonaro, que demorou 38 dias para cumprimentar

o atual chefe de Estado dos EUA, Joe Biden, em 2020.

Tanto o governo quanto o Palácio do Itamaraty calculam que a relação Brasil-Estados Unidos é sólida e será mantida de forma pragmática, mesmo que haja um afastamento pessoal entre os dois presidentes. No cenário externo, porém, o Brasil perderá um aliado importante em pautas como mudança climática, transição energética e taxação dos mais ricos, prioridades para a política externa brasileira com a presidência do G20, neste ano, e da COP30, em 2025.

Ampliação da parceria

O vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, seguiu a linha de Lula: tom protocolar e em defesa do diálogo entre os dois países. “Parabenizo a vitória eleitoral de Donald Trump como 47º presidente dos Estados Unidos da América, com votos de que seja um período de promoção da paz, do desenvolvimento econômico e social e de ainda maior ampliação da parceria entre Brasil e EUA”, destacou, em nota. Os demais palacianos não comentaram, mas replicaram em suas redes o pronunciamento de Lula.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, por sua vez, foi claro ao demonstrar preocupação com os efeitos da presidência de Trump na economia global, e possíveis repercussões no Brasil (leia reportagem abaixo).

O tom mais duro dentro do governo foi adotado pelo ministro do Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira. Ele se pronunciou em suas redes sociais antes mesmo de Lula e fez fortes críticas a Trump. “A mais rica nação do mundo elegeu um presidente que cultiva os piores valores humanos. Nega as mudanças climáticas e a ciência e apoia a extrema-direita no mundo. Tempos difíceis para a humanidade”, escreveu.

Mudanças climáticas

A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, comentou que os Estados Unidos se comprometem com a responsabilidade de diminuir a emissão de carbono. “Mesmo em períodos muito difíceis, o esforço climático conseguiu avançar. Agora estamos vivendo uma situação de limiar, porque não há mais espaço para protelar absolutamente nada do que está acontecendo. E o segundo maior emissor do mundo tem uma responsabilidade muito

grande num processo de enfrentamento de emissão de CO2 que temos”, declarou.

Marina relembrou o recente furacão Milton, na Flórida. “Há uma parte da população americana que não quer ver a continuidade do que aconteceu agora, com os furacões, nos EUA. É um dado de realidade que cada vez mais as pessoas vão cobrar a conta de seus governantes, independentemente de seus espectros ideológicos, porque são as suas vidas que estão sendo comprometidas, seus patrimônios”, ressaltou.

De acordo com a ministra, “temos uma governança muito forte no mundo”. “Na época do presidente Bush (2001-2009), existia quase um tabu em falar de biodiversidade e mudança climática. Mesmo assim, isso avançou no mundo. No primeiro governo de Trump, em que pese a posição dele, tivemos avanços significativos na governança climática global”, comparou.

No primeiro mandato, Trump tirou os EUA do Acordo de Paris, firmado em 2015, que determina a diminuição de gases do efeito estufa até 2030 em diversos países. São 195 nações que fazem parte do tratado internacional. As leis ambientais também foram enfraquecidas na gestão dele.



Meus parabéns ao presidente Donald Trump pela vitória eleitoral e retorno à Presidência dos Estados Unidos. A democracia é a voz do povo, e ela deve ser sempre respeitada”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República



Parabenizo a vitória eleitoral de Donald Trump como 47º presidente dos Estados Unidos da América, com votos de que seja um período de promoção da paz, do desenvolvimento econômico e social e de ainda maior ampliação da parceria entre Brasil e EUA”

Geraldo Alckmin,
vice-presidente da República



No primeiro governo de Trump, em que pese a posição dele, tivemos avanços significativos na governança climática global”

Marina Silva, ministra
do Meio Ambiente



Entre o que foi dito e o que vai ser feito — nós sabemos que isso já aconteceu no passado —, as coisas, às vezes, não se traduzem da maneira como foram anunciadas”

Fernando Haddad,
ministro da Fazenda

Haddad crê em discurso mais moderado

» RAFAELA GONÇALVES

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que o dia “amanheceu mais tenso” com a vitória do candidato republicano Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos. Apesar do cenário de apreensão, o chefe da equipe econômica ponderou que há uma diferença entre os discursos de campanha e o que efetivamente será feito na economia.

“Na campanha foram dias de muitas coisas que causam

apreensão no Brasil, no mundo inteiro. Causam apreensão nos mercados emergentes, nos países endividados, na Europa. Então, o dia amanheceu mais tenso no mundo, em função do que foi dito na campanha”, apontou Haddad.

Para ele, o discurso de Trump após a vitória já tem se mostrado mais moderado. “Mas, entre o que foi dito e o que vai ser feito — nós sabemos que isso já aconteceu no passado —, as coisas, às vezes, não se traduzem da maneira como foram anunciadas.

E o discurso pós-vitória oficial, não oficial ainda, mas após os primeiros resultados, já é um discurso mais moderado do que o da campanha”, ressaltou.

De acordo com Haddad, a gestão norte-americana “vai ter muitos graus de liberdade, mas a vida depois trata de corrigir algumas propostas mais exacerbadas, trata de moderar”.

Ele destacou ser preciso “aguardar um pouquinho e cuidar da nossa casa, cuidar do Brasil, cuidar das finanças, cuidar da

economia, para ser o menos afetado possível por qualquer que seja o cenário externo”.

Haddad destacou ainda que o cenário externo já vem sendo desafiador economicamente há meses, mas frisou ser difícil prever o impacto político da vitória de Trump no Brasil. “Existe um fenômeno de extrema-direita no mundo crescente, isso todos os analistas políticos estão dizendo, mas isso não é de agora, vem acontecendo desde 2016. O importante é a democracia

continuar resistindo”, concluiu.

Também sobre a economia, o ministro dos Transportes, Renan Filho, publicou um artigo de opinião no portal Brasil 247 e aproveitou para defender a proposta de corte de gastos encampada por Haddad, que deve ser anunciada ainda nesta semana. “Com a vitória de Trump nos EUA, esse trabalho se impõe com mais urgência. Tem que ser rápido e preciso para vencer as resistências internacionais e que pressionam o dólar”, argumentou.